



Roma Antiga: as bibliotecas como símbolo de saber e poder

Ancient Rome: libraries as a symbol of knowledge and power

Elisabete Goncalves de Souza

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciência da Informação

<https://orcid.org/0000-0001-9707-6017> 

Samuel Wagner da Silva Crespo

Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0009-0008-5955-2420> 

Resumo:

O presente trabalho descreve a formação das bibliotecas da Roma Antiga, os tipos, a organização do acervo, as instalações, o público e as funções na sociedade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Reuniu-se informações produzidas sobre o assunto por historiadores, já que são poucas as evidências materiais da existência dessas bibliotecas, sendo as informações encontradas nas produções de filósofos, poetas, escritores e juristas que viveram a República e o Império em Roma. Centra-se em dois tipos de bibliotecas: as privadas e as públicas. Como exemplos de bibliotecas privadas menciona a Biblioteca de Lúculo e a Vila dos Papiros, em Herculano. Destaca as bibliotecas públicas instaladas na cidade de Roma, como as Bibliotecas do Átrio da Liberdade e a do Fórum de Trajano. Conclui-se que as bibliotecas em Roma Antiga tiveram função política (expressão do poder do Estado) e intelectual ao proporcionar obras para estudo e pesquisa para o proprietário, seus próximos, sábios e estudantes. As bibliotecas privadas localizadas nas villas, como a Biblioteca em Herculano, eram também lugares de lazer e de descanso, permitindo o nobre romano experimentar o otium, expressão usada para descrever o estilo de vida da aristocracia, que privilegiava o lazer intelectual e os interesses artísticos e culturais. As bibliotecas públicas estavam atreladas aos projetos políticos e ideológicos de seus mantenedores, que se preocupavam em colecionar e dar visibilidade à história do Império, impulsionar a literatura latina e consolidar cânones literários para servir de modelos para a posteridade.

Palavras-chave: História das bibliotecas na Antiguidade; Bibliotecas públicas na Roma antiga; Bibliotecas privadas na Roma antiga.

Abstract:

This work describes the formation of libraries in Ancient Rome, their types, collection organization, facilities, audience, and functions in society. The methodology used was bibliographical research. Information produced on the subject by historians was gathered, as there is little material evidence of the existence of these libraries. Information is found in the works of philosophers, poets, writers, and jurists who lived in Rome during the Republic and Empire. It focuses on two types of libraries: private and public. As examples of private libraries, it mentions the Library of Lucullus and the Villa of the Papyri in Herculaneum. It highlights the public libraries established in the city of Rome, such as the Libraries of the Atrium of Liberty and the Forum of Trajan. It concludes that libraries in Ancient Rome served a political (expression of state power) and an intellectual function, providing works for study and research for the owner, their relatives, scholars, and students. Private libraries located in villas, such as the Library of Herculaneum, were also places of leisure and rest, allowing Roman nobles to experience *otium*, an expression used to describe the lifestyle of Roman nobles, who prioritized intellectual leisure and artistic and cultural interests. Public libraries were tied to the political and ideological projects of their supporters, who were concerned with collecting and giving visibility to the history of the Empire, promoting Latin literature, and consolidating literary canons to serve as models for posterity.

Keywords: History of libraries in Antiquity; Public libraries in ancient Rome; Private libraries in ancient Rome.

1 Introdução

Como ressalta Medeiros (2029, p. 83), as bibliotecas da Antiguidade, assim como todas as instituições, são reflexo de seu tempo. Não há como conhecê-las sem levar em conta os contextos econômico, político e social em que se inseriram, as relações de saber e poder que marcaram sua criação, a organização de seus acervos, assim como o poder que o acesso ao conhecimento simbolizava para seus reinos e para seus patronos, como é o caso das bibliotecas em Roma Antiga.

O presente artigo tem como objeto de estudo as bibliotecas em Roma Antiga. Inseridas no período compreendido pela Antiguidade Clássica (aproximadamente entre os sécs. VIII a.C. e V d.C.), elas se desenvolveram a partir de coleções particulares, compradas ou usurpadas de importantes bibliotecas helênicas, como a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca de Pérgamo.

A civilização romana se estendeu da região do Lácio, na atual Itália, tendo conquistado diversos outros territórios no mundo antigo, da Península Ibérica ao Oriente Médio. Caracterizava-se como uma sociedade estratificada, dividida entre patrícios (aristocratas), plebeus, comerciantes, clientes e escravos. A posse de bibliotecas romanas era um privilégio das famílias e indivíduos abastados, sendo consideradas “uma forma de tesouro tal qual uma coleção de pinturas” (Woolf, 2013, p. 6).

A interação dos romanos com o mundo helênico influenciou a constituição de bibliotecas em Roma, vindo a tornar-se uma tendência a partir do séc. II, durante a República, perdurando na época do Império. A literatura sobre o tema apontou para a existência de dois tipos de bibliotecas: biblioteca privada e biblioteca pública, nessa ordem.

O objetivo deste artigo é descrever a organização destes dois tipos de bibliotecas em Roma antiga, especificamente conhecer como seus acervos eram organizados e a que público serviam; entender o papel das bibliotecas na sociedade romana, suas funções social e política. Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória seguida de levantamento bibliográfico em fontes primárias e secundárias. Segundo Braga (2002) as abordagens exploratórias envolvem um problema ou questão pouco estudado em uma determinada área, o que implica no esforço de reunir dados e informações sobre o assunto, sendo a pesquisa bibliográfica o método mais indicado, “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Indo nessa direção, realizamos pesquisas sobre as bibliotecas em Roma Antiga, na base de dados BRAPCI. Utilizamos como termos de busca as expressões Biblioteca em Roma e Bibliotecas na Antiguidade. Como resultado, encontramos apenas 2 artigos, um de autoria de Josiel dos Santos, publicado em 2012, versando sobre o processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento e outro de Ana Lígia Medeiros, publicado em 2019, sobre as bibliotecas na Antiguidade, no qual havia uma seção sobre as bibliotecas em Roma. A pouca produção de artigos sobre o tema nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação brasileira, nos animou avançar na pesquisa sobre o assunto.

Nas seções seguintes, abordamos a história das bibliotecas em Roma Antiga.

2 As bibliotecas privadas

As bibliotecas privadas consolidaram-se em Roma nos dois últimos séculos do período da República (509–27 a.C), como posse particular das famílias ricas e poderosas, conforme destacam Battles (2003), González Marín (2014) e Barbier (2018). Esse tipo de biblioteca era comum na Grécia, onde se destacavam as coleções particulares de filósofos como Aristóteles e Teofrasto.

No século II a.C., com a expansão territorial, conforme nos conta Barbier (2018, p. 52-53), os romanos formaram importantes coleções a partir de pilhagem dos espólios de guerra. A primeira mencionada é a coleção do cônsul romano Paulo Emílio, que ao ter

subjugado o rei Perseu da Macedônia em 168 a.C., tomou para si a biblioteca real. Outro exemplo é o de Sula, que, quando conquistou Atenas em 86 a.C. confiscou a Biblioteca de Apelicon de Teos, com as antigas coleções de Aristóteles e de Teofrasto, e depois passou para seu filho (Barbier, 2018). O autor destaca que ambos os conquistadores eram formados na cultura helênica, como era costume entre a elite romana desse período.

A prática de pilhagem continuou durante a República e no período imperial, como veremos na seção seguinte. Barbier (2018) afirma que a constituição de bibliotecas privadas se tornou uma marca de distinção social e que os volumes, além da pilhagem, podiam ser obtidos por compras ou cópias. Escravos cultos podiam ser convocados para a tarefa de fazer as cópias, como menciona Dix (2000, p. 462). Outra estratégia era a compra de bibliotecas inteiras, solução usada por proprietários endividados para saldar suas dívidas.

A constituição de bibliotecas privadas tem relação com o *otium* [ócio], como explica Barbier (2018, p. 54): “o estilo de vida dos nobres romanos é o do *otium*, que privilegia o lazer intelectual, os interesses artísticos e culturais, e os prazeres da vida”. Entende-se como lazer intelectual, o momento de repouso dedicado às artes e filosofia, à fruição dos prazeres, característico da vida da nobreza romana. Logo, as bibliotecas privadas em Roma tinham a função de trazer momentos de estudo e lazer, além de demarcar a posição social do proprietário.

Sobre o acesso às bibliotecas privadas, Barbier (2018, p. 54) explica que elas eram “[...] acessíveis aos próximos e aos discípulos [*alumni*] e todos os leitores interessados, [sendo] consideradas, no entanto, como espaços fechados [...]”. A tarefa de organização os nobres que buscavam conselhos de gramáticos, como fez Cícero que recorreu a Tirânio¹ para organizar sua biblioteca em Âncio (González Marín, 2018, p. 209). Além dos gramáticos, participavam da organização dessas bibliotecas também os escravos cultos, como aponta Battles (2003, p. 55): em Roma, muitas atividades “relacionadas à erudição, como o ensino, a produção de cópias, a edição de livros e a organização de bibliotecas, eram feitas por escravos cultos, em geral vindos da Grécia”. Medeiros (2019, p. 79) destaca Tirânio, figura de grande fama e tido como “bom organizador [...] cobijado pelos ricos proprietários”. Outro hábito da aristocracia romana era a troca de livros. Como colecionadores experientes, trocavam entre si exemplares cuidadosamente copiados, provavelmente por seus escravos cultos (Battles, 2003).

¹ Sobre Tirânio, Barbier (2018, p. 53) menciona que ele não apenas frequentava a biblioteca de Sila [Sula], como também comprou alguns dos livros do general quando este precisava quitar suas dívidas.

Essas bibliotecas privadas estavam instaladas tanto nas capitais do Império quanto nas chamadas *villae* [propriedades] afastadas da cidade, ou seja, nas casas de campo, quintas e fazendas. Segundo Barbier (2018), as bibliotecas das *villae* eram vistas com o local mais adequado para o *otium* intelectual, pela distância da vida política conturbada das cidades. Vemos isso exemplificado em Sider (1990, p. 536, tradução nossa), “[...] qualquer um pode imaginar Cícero no descanso das intrigas políticas na *villa* de um amigo ou Sêneca contemplando seu retiro em uma luxuosa hospedagem em Herculano”².

Em virtude da falta de vestígios dessas bibliotecas, restou aos historiadores especular sobre as evidências. Ao descrever a arquitetura das bibliotecas nas *villae*³, Barbier (2018, p. 59-60) pontua que estas “[...] deveriam estar localizadas em um espaço relativamente calmo e dispor de uma boa iluminação (incluindo janelas ao norte, para evitar uma luz direta) e até de aquecimento”. A curiosa posição das janelas ao norte pode ser explicada pelo fato de que no Hemisfério Norte o Sol nunca repousa na direção norte, por isso o autor fala de iluminação indireta. As prateleiras [*armaria*], prossegue o autor, eram instaladas nos nichos disponíveis nas paredes internas.

Das citações anteriores, é válido destacar dois pontos. O primeiro diz respeito ao senso de preservação dos antigos na constituição das bibliotecas por se atentarem a evitar a luminosidade direta do Sol, a umidade e a má circulação de ar, fatores que facilitam a proliferação de mofo, que sabemos ser um perigo para qualquer material orgânico (Ogden, 2001). Portanto, era fundamental manter os volumes de papiro bem protegidos contra esses fatores. O segundo ponto diz respeito à armazenagem das obras. Barbier (2018, p. 59-60; 62) chamou de *armaria* as estantes e prateleiras de madeira instaladas nas cavidades ou reentrâncias das paredes, onde os volumes podiam ficar na posição vertical ou horizontal. Ele também cita o uso de *scrinium* ou *capsa*, cestos cilíndricos de caniço ou de couro usado para armazenar ou transportar um pequeno número de volumes, colocados na posição vertical. Por fim, Barbier (2018, p. 62) menciona o uso de etiquetas, posicionadas fora dos volumes, para a identificação das obras nas estantes: “*Nos armaria*⁴, os *volumina*⁵ eram dispostos perpendicularmente à sala, e cada um deles

² Herculano: cidade soterrada pela erupção do Vesúvio em 79 d.C. Cícero e Sêneca: filósofos romanos.

³ *Villa* é a palavra latina escrita no singular, enquanto *villae* é o plural desta mesma palavra.

⁴ *Armaria* é o plural de *armarium*, palavra latina de gênero neutro. É comum no português nos referirmos a palavras neutras do latim como se fossem do gênero masculino da nossa língua, por isso a tradutora em Barbier (2018) utilizou a expressão ‘*Nos armaria*’.

⁵ *Volumina* é o plural de *volumen*, palavra latina, se refere ao rolo ou volume de papiro.

apresentava uma etiqueta (*index, titulus*) que indicava seu título e servia de identificação dos textos”.

Com o intuito de ilustrar como eram organizadas as bibliotecas privadas em Roma, trazemos dois exemplos: Vila dos Papiros em Herculano e a Biblioteca de Lúculo. Esses dois exemplos nos ajudam a conhecer mais sobre o conteúdo do acervo, para quem se destinava e suas funções cultural e simbólica (símbolo de distinção social).

2.1 A vila dos papiros em Herculano

Como nos informa Sider (1990), a antiga cidade de Herculano (*Herculaneum*), localizada entre Nápoles e Pompeia, era destino de muitos aristocratas romanos durante os verões, quando buscavam repouso em suas *villae*. Em 79 d.C., a cidade foi atingida pela erupção do Vesúvio e foi soterrada. Somente no início do século XVIII ela foi descoberta pelos arqueólogos e em meados desse século passou a receber a devida atenção dos pesquisadores.

Nesse sítio arqueológico foi encontrada uma biblioteca, anexa a uma residência, que se supõe ter pertencido a Lúcio Calpúrnio Pisão⁶, sogro de Júlio César. A residência recebeu o nome de Vila dos Papiros e atualmente se localiza no município Ercolano, na Itália. Os rolos de papiro encontrados nessa biblioteca estavam carbonizados, o que impossibilitou qualquer tipo de investigação acerca do conteúdo da coleção.

A proveniência das obras é incerta, como alertam Sider (1990) e Barbier (2018). Os autores, em consonância, supõem que os volumes teriam sido trazidos para Roma pelo filósofo epicurista Filodemo de Gadara, ou então organizados por ele e mantidos na residência de Pisão, mecenas de Filodemo. No ano da erupção do Vesúvio, tanto Filodemo quanto Pisão já haviam morrido, e provavelmente a biblioteca ficou sob os cuidados dos herdeiros, ou foi administrada por algum filósofo romano (Sider, 1990).

As características dessa biblioteca revelam sua importância para a investigação acerca da história do Epicurismo na Antiguidade. Barbier (2018, p. 64) menciona que foram encontrados cerca de 1.800 rolos, escritos em grego, contendo obras filosóficas ligadas ao Epicurismo, incluindo as do próprio filósofo Filodemo. Sobre a localização da biblioteca na residência, Barbier (1990, p. 64), a descreve da seguinte forma: “[...] estava instalada em uma pequena sala de 12 pés de comprimento, com chão de mosaicos. O

⁶ Caio Calpúrnio Pisão Cesonino (101 a.C-43 a.C), político romano, atuou como cônsul no ano de 58 a.C. Destacava-se pelos seus interesses pela poesia, canto e teatro.

mobiliário era composto por prateleiras com cerca de 6 pés de altura, com uma mesa para pousar os rolos”.

Os vestígios arqueológicos da biblioteca da Vila dos Papiros confirmam as descrições das bibliotecas romanas. Autores da época, como Cícero e Vitruvius, narram sobre as semelhanças das residências romanas com os *gymnasium* e *palaestra* gregos⁷, e as descrevem com: cômodos ligados a um peristilo, ou seja, um pátio (ou varanda) aberto, rodeado de corredores com colunatas, ricamente decorado com jardins e estátuas, com acesso a outros espaços da residência como as *exedrae* (cômodos semicirculares, que serviam de local de reunião) e salas, incluindo a biblioteca.

Investigações científicas contemporâneas buscam decifrar o conteúdo dos volumes carbonizados com o auxílio de tecnologia digital. Dentre as ações está o evento Desafio do Vesúvio ou *Vesuvius Challenge*⁸, lançado em 2023, e que reúne pesquisadores do mundo inteiro, inclusive do Brasil⁹, que, com o uso de inteligência artificial, buscam identificar a posição da tinta no papiro carbonizado e decifrar o texto sem a necessidade de abrir o material.

Na subseção a seguir, descrevemos uma proeminente biblioteca romana, comentada por autores da época: a Biblioteca de Lúculo, em sua *villa* em Túsculo. Apesar de faltar evidências materiais dessa biblioteca, sobreviveram descrições sobre ela feitas por contemporâneos, como Cícero, senador e intelectual romano, frequentador da biblioteca nos tempos em que o filho de Lúculo era o proprietário. Dix (2000) destaca que Cícero elogiou a coleção de volumes de Lúculo, em algumas passagens de sua obra *Hortensius*. Outra personagem importante que também faz menção à biblioteca é Plutarco, filósofo e historiador grego.

2.2 A biblioteca de Lúculo

A Biblioteca de Lúculo, a despeito de sua opulência, desapareceu sem deixar vestígios, não por isso deixa de revelar dados interessantes acerca das bibliotecas

⁷ Segundo Dix (2000, p. 449), por *gymnasium* e *palaestra*, mencionados respectivamente por Cícero e Vitruvius, entende-se edifícios gregos dedicados à prática desportiva e atividade intelectual, composto de um pátio com colunatas, conduzindo a várias salas, e um espaço central aberto.

⁸ O site dessa operação pode ser acessado com o seguinte link: <https://scrollprize.org/>

⁹ A equipe brasileira foi composta por pesquisadores da IFSC/USP. Integram a equipe Odemir Martinez Bruno, Elian Rafael Dal Prá, Leonardo Scabini, Sean Johnson, Raí Fernando Dal Prá, João Vitor Brentigani Torezan, Daniel Baldin Franceschini, Bruno Pereira Kellm e Marcelo Soccol Gris. Para ler mais sobre o assunto, ver: <https://saocarlos.usp.br/grupo-do-ifsc-usp-conquista-2o-lugar-no-vesuvius-challenge-2023-grand-prize-ia-detecta-texto-em-pergaminho-romano-carbonizado-ha-quase-2-mil-anos/>

particulares de Roma. As principais fontes sobre elas derivam de autores da época, como Cícero, Plutarco e do historiador Isidoro de Sevilha, como afirma Dix (2000, p. 441).

A começar com o proprietário, Lúcio Licínio Lúculo (117-56 a.C.), político proeminente e grande admirador das letras. Grimal (2009) destaca alguns eventos em sua vida, como a participação na guerra contra o poderoso rei Mitrídates, a vida política de sucesso, o cargo de cônsul, o fim de carreira e o repouso em sua *villa*, em Túsculo.

Segundo Dix (2000, p. 447, tradução nossa), Varrão¹⁰ comenta que visitantes chegavam na *villa* de Lúculo não para ver, como de costume, produtos do campo, mas sim em busca da *pinacothecae*, galeria de pinturas, pois o local abrigava uma coleção de pinturas e estátuas. Justamente nessa propriedade em Túsculo, rica em artes, tesouros e extravagâncias, que estava localizada sua preciosa e cobiçada biblioteca.

O que se sabe acerca da arquitetura da *Villa* e de sua biblioteca, provém de uma passagem da obra de Cícero em que ele se refere à biblioteca como Liceu, e Dix (2000) interpreta como, não apenas referência as duas escolas filosóficas de suma importância em Atenas, a de Platão e a de Aristóteles, mas também referência à forma do *gymnasium* grego. Para Dix a biblioteca provavelmente estaria inserida em um pátio aberto, rodeado por corredores com colunatas, algo verossímil ao que vimos na Vila dos Papiros. Em resumo, um edifício aos moldes gregos com o objetivo de reconstruir em solo romano a aura das bibliotecas helênicas, tão admiradas pelos romanos.

Dix (2000), apoiado em comentários de autores contemporâneos a Lúculo, diz que a biblioteca possuía um acervo volumoso de textos em língua grega, em especial obras filosóficas das escolas Estóica e Peripatética. Apesar de a origem ser incerta, Dix afirma ser plausível que a biblioteca tenha sido obtida por pilhagem na guerra contra Mitrídates.

Sendo assim, especula-se que esta vasta biblioteca serviu ao seu proprietário como ambiente de estudo e descanso dos afazeres políticos. Não se restringindo somente ao próprio Lúculo e descendentes, sendo também oferecida ao público que frequentava sua *villa*, como nos mostra o testemunho de Plutarco:

De fato, ele [Lúculo] reunia muitos livros e o uso que fez deles o honrou mais ainda do que sua aquisição, já que suas coleções eram acessíveis a todos. As galerias e as salas de trabalho acolhiam, sem restrição, os gregos que ali compareciam como a um refúgio das Musas e passavam

¹⁰ Marco Terêncio Varrão (116 a.C. – 27 a.C.), intelectual de prestígio entre homens de seu tempo, a quem Júlio César teria escolhido para dirigir a primeira biblioteca pública em Roma. Varrão endereçou sua obra, hoje perdida, chamada *De bibliothecis* (Das bibliotecas) para ajudar Asínio Polião na constituição de uma biblioteca pública (Dix; Houston, 2006, p. 676).

o dia juntos, afastando-se com alegria de suas outras ocupações. Muitas vezes o próprio Lúculo aí se distraía; entrava com os letrados nas galerias e dava seu apoio a uma questão pública aos que o pediam. Em suma, sua casa era um lar e um Pritaneu para todos os gregos que chegavam a Roma. (Plutarco *apud* Barbier, 2018, p. 54).

Dix (2000) e Barbier (2018) alertam para que não interpretemos o trecho “suas coleções eram acessíveis a todos” de modo literal, já que as bibliotecas privadas eram círculos fechados, frequentadas somente por aristocratas e homens letrados, não apenas de Roma, como também da Grécia. Seja por razões pessoais, seja por evergetismo¹¹ por parte de Lúculo, dar acesso aos pares poderia reverberar em prestígio social, como nos lembra Barbier (2018, p. 54), “É claro que Lúculo é um especialista e um verdadeiro aficionado, mas não perde a oportunidade de aumentar, graças a suas coleções e a seus livros, o círculo de seus amigos e dos que lhe devem favores”.

Como podemos perceber, a Biblioteca de Lúculo possui várias facetas. Ela beneficiava o *otium*, o estudo e a discussão intelectual do proprietário e de seus convidados. Era um elemento de distinção social, algo mais acentuado se considerarmos que ela pode ter sido obtida como prêmio em uma campanha contra um rei helênico: a guerra contra Mitrídates. Como um elemento político, servia para ampliar seu círculo de amizade, ampliando a rede de pessoas com as quais se relacionava e trocava informações, documentos (cópias de volumes) e favores.

À semelhança de outras bibliotecas antigas, desconhecemos o destino de suas obras: se sumiram por saque ou destruição, ou se foram confiscadas, compradas ou transferidas para outro lugar. É possível que a biblioteca de Lúculo tenha sido confiscada nos tempos imperiais, como veremos a seguir: “se elas se tornaram propriedade imperial, como os *Horti* [grandes jardins] em Roma e a *villa* em Miseno, a Biblioteca de Lúculo talvez tenha sido transferida, junto de outras grandes coleções privadas, para as bibliotecas públicas em Roma” (Dix, 2000, p. 460, tradução nossa).

Consideramos, portanto, que as bibliotecas privadas interessaram às famílias aristocratas e abastadas, a partir de meados do século II e permaneceram durante o período imperial. Que foram constituídas a partir de pilhagem, compra ou cópia dos volumes, e que, no período republicano, as coleções estavam em sua maior parte em grego. As

¹¹ Conforme Zétola (2005), os pilares morais do evergetismo são a *civitas* e a *honor*, a primeira indica o sentimento de dever que o cidadão mais abastado devia ter para com a cidade, já a segunda representava a honra e a visibilidade consequentes dos favores concedidos por esses cidadãos à sociedade em geral. Por isso, grandes e luxuosos eventos eram promovidos à população para consagrar o nome de um rico entre os benfeitores da cidade.

bibliotecas privadas eram locais para o estudo e o lazer, e a posse de muitos volumes e raridades era um fator de distinção social entre os aristocratas. Eram espaços de sociabilidades, sendo frequentadas por nobres e filósofos, estudantes, sendo utilizadas para a leitura, empréstimo ou cópia. E, por fim, que a arquitetura do local rememorava *edifícios* gregos, sendo a biblioteca instalada em um cômodo que se abria para um pátio com colunatas e estátuas.

Na seção a seguir, nos atemos a descrever as bibliotecas públicas da Roma Antiga. Em seguida, discorreremos sobre as bibliotecas localizadas nas termas romanas.

3 As bibliotecas públicas

Dentro desse contexto, de criação de bibliotecas privadas em Roma, sob posse das famílias ricas, foi concebida a ideia de se instituir bibliotecas públicas. De antemão, a palavra pública nos leva a pensar que se tratava de conceder acesso aos livros e que estas bibliotecas eram para o público em geral. Porém, autores da época interpretavam de maneira diferente, quer “pública” signifique mantida com dinheiro público, quer seja porque foi construída em um edifício público, ou até por ser um local onde havia público para assistir uma recitação. como apontam Dix e Houston (2006). Ou seja, não havia um consenso sobre o significado de “pública”, mas podemos afirmar que não eram locais para serem frequentados pela população de modo geral.

Como foi dito anteriormente, a estrutura social romana era complexa, reunindo diferentes grupos sociais: patrícios (aristocratas), plebeus, comerciantes, clientes e escravos. Desses grupos, aquele com maior número de pessoas letradas era a aristocracia, seguida dos plebeus enriquecidos e comerciantes, em sua maioria homens. Como destaca Viotto (2016) a alfabetização foi um privilégio das classes mais altas, sendo o acesso à educação formal para as mulheres limitado.

Semelhantemente às bibliotecas privadas, cujo público eram os amigos do proprietário, os literatos, os filósofos e os estudantes, as bibliotecas públicas seriam frequentadas, de maneira geral, por aqueles ligados à família imperial, que exercia papel de patrona da cultura e dos livros. Segundo Dix e Houston (2006, p. 709-10), não havia nessas bibliotecas grandes multidões, ao contrário, “um ambiente calmo de discussões civilizadas, frequentado por pequenos grupos da elite intelectual”

No que tange à aquisição do acervo, Dix e Houston (2006, p. 672-79) descrevem que essa atividade ocorria por meio de doação, como um presente, compra individual ou

de conjuntos de volumes, feitura de cópias realizadas por escravos, herança ou por confiscos/pilhagem de propriedades alheias pelo imperador. Os autores utilizam o termo *ex manubiis*, — em latim, originado de pilhagens —, para falar da biblioteca construída pelo político romano Caio Asínio Polião, no Atrium Libertatis [Átrio da Liberdade], edifício que ele restaurou e, provavelmente, a única biblioteca pública conhecida da qual se tem certeza de ter sido obtida desse modo.

No século IV d. C, os chamados catálogos regionários¹², listavam os monumentos e edificações na cidade de Roma, a maior parte, em ordem topográfica. Um desses catálogos, o *Curiosum*, lista 28 bibliotecas, e o outro, o *Notitia*, lista 29 bibliotecas. Os historiadores Dix e Houston (2006) demonstram ceticismo quanto a essa quantidade de bibliotecas, já que ao menos quinze delas não possuíam evidências nem menções em outros textos. Para esses autores, manter cinco ou seis bibliotecas públicas simultaneamente já seria de grandes dificuldades para cidades antigas, e não mais de nove teriam existido em Roma ao mesmo tempo.

Ainda segundo Dix e Houston (2006, tradução nossa), as evidências encontradas nos registros e textos indicaram a existência de nove bibliotecas na cidade de Roma a saber: Biblioteca do Átrio da Liberdade; Biblioteca do Templo de Apolo; Biblioteca do Pórtico de Otávia; Biblioteca do Templo de Augusto; Biblioteca da Domus Tiberiana; Biblioteca do Templo da Paz; Biblioteca de Trajano; Biblioteca Capitolina e Biblioteca do Panteão. Os autores ainda mencionam duas bibliotecas romanas existentes em províncias, uma em Timgad, no norte da África, onde hoje é a Argélia, e outra em Éfeso, na atual Turquia. Nos limitamos neste trabalho a descrever apenas aquelas existentes na capital, Roma.

A primeira biblioteca pública em Roma foi idealizada por Júlio César, após sua estadia em Alexandria em 48 a.C. Como sugerem Dix e Houston (2006, p. 673, tradução nossa), “[...], César teria encontrado em Alexandria um modelo de cidade imperial, certamente pensou que Roma ainda não era uma capital digna o suficiente pela falta de grandes obras públicas”. Essa estadia teria sido fator determinante para projetos arquitetônicos em Roma, dentre eles uma biblioteca estatal.

¹² O site ToposText, serve como biblioteca digital de textos e mapas greco-romanos, mantido pela Aikaterini Laskaridis Foundation, disponibiliza os catálogos *regionários* online, em inglês ou no original em latim, que podem ser acessados com o seguinte link: <https://topostext.org/work/688>

Segundo Bowie (2013, p. 238), Júlio César teria encarregado a Marco Terêncio Varrão a criação da biblioteca pública em 47 a.C, mas como ele foi assassinado em 44 a.C, o projeto não foi realizado. Supõe-se que o objetivo era que “superasse a biblioteca de Alexandria em tamanho e abrangência, para isso teria coleção de livros em latim e grego” (Dix; Houston, 2006, p. 674, tradução nossa).

Mas, quem de fato instituiu a primeira biblioteca pública em Roma foi Caio Asínio Polião, partidário de Júlio César, em 39 a.C. no Átrio da Liberdade. Polião reconstruiu esse edifício cuja função era de *tabularium* [cartório], isto é, — de guarda de documentos públicos —, incluindo os espólios da guerra contra os ilírios etc. (Bowie, 2013, p. 239).

Dix e Houston (2006) comentam que, na reconstrução do Átrio da Liberdade, Polião reconfigurou a estrutura para um pátio de peristilo para abrigar a biblioteca. Já vimos na subseção anterior que essa era a arquitetura dos edifícios onde se encontravam as bibliotecas privadas. Além disso, usavam estátuas e bustos de autores para decorar não somente o peristilo, mas também as salas onde se encontrava a coleção, aproximando os rolos das obras do busto do autor, servindo de procedimento organizativo e imortalização da memória desses autores enquanto modelos de imitação literária (González Marín, 2014; Dix; Houston, 2006).

Pouco se sabe sobre o seu acervo, exceto que uma parte dele tenha sido espólio de guerra e outra formada pelo acervo pessoal do próprio Polião, que possuía livros em grego e latim. O seu fim é desconhecido, provavelmente foi destruída ou talvez o acervo realocado para outra biblioteca (Dix; Houston, 2006).

O imperador Augusto também foi responsável pela construção de bibliotecas, inclusive, sua biblioteca no monte Palatino, por isso chamada Biblioteca Palatina, foi concretizada em data muito próxima da biblioteca de Asínio Polião, por isso sugerem Dix e Houston (2006) haver uma competição entre os dois pelo legado de Júlio César nesse quesito. A biblioteca contava com uma coleção em grego e outra em latim, foi instalada no Templo de Apolo, em honra ao deus da música e das artes, por conceder-lhe vitória em suas guerras em Náuloco e Áccio¹³. Esse templo era conectado à casa de Augusto

¹³ As guerras de Náuloco (44–36 a.C.) e Áccio (32–30 a.C.) foram conflitos internos romanos. Trata-se de eventos relacionados à guerra civil da República Romana, onde Otaviano, depois chamado Augusto, lutou contra o seu rival Marco Antônio, que contou com o apoio de Cleópatra do Egito. SCOPACASA, Rafael. Repensando a Romanização: a expansão romana na Itália a partir das fontes historiográficas. *Revista de História*, São Paulo, n. 172, p. 113–161, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/98758>. Acesso em: 15 set. 2025.

através de uma rampa, como nos recordam Dix e Houston (2006), o que nos indica ter sido um local mais privado para a elite imperial.

É interessante pensarmos que Augusto anteviu o potencial dessa instituição para transmitir uma imagem de si mesmo, a de um patrono da literatura. Pois, como menciona Carmen González Marín (2014, p. 218), o poeta Horácio, em uma de suas epístolas, dirige-se a Augusto como um patrono que oferece estímulos aos poetas por meio dos livros, enquanto modelos de imitação. Essa menção diz respeito ao fato de que, por meio do incentivo de Augusto em patrocinar as letras e sustentar uma biblioteca, um poeta poderia ter suas obras incluídas no acervo e ser immortalizado, sendo tomado como modelo e inspiração para gerações futuras. Além disso, menciona que a biblioteca era utilizada por Augusto para reuniões com o Senado e atividades diplomáticas, e esse uso permaneceu até os tempos do Imperador Nero (Dix; Houston, 2006).

É creditada a Augusto uma segunda biblioteca, a do Pórtico de Otávia (*Porticus Octaviae*), em honra à sua irmã Otávia. Mas Dix e Houston (2006, p. 685) mencionam outras versões: uma diz que a própria Otávia a construiu em homenagem a seu filho falecido; outra que Augusto a construiu em nome dela. Conforme os autores, inscrições da época mostram que a biblioteca continha acervo em grego e latim, e que a origem do acervo provavelmente tenha sido da própria Otávia. Tanto essa biblioteca quanto a de Palatina foram alvos de incêndios e reconstruídas pelo Imperador Domiciano (51-96 d.C.).

No primeiro século d.C., três outras bibliotecas públicas foram instaladas em Roma. A Biblioteca no Templo do Divino Augusto, que ficava no monte Palatino, e a Capitolina, construída durante os tempos do imperador Tibério em honra a Augusto; supõe-se que parte do acervo particular de Augusto estivesse lá. Menciona-se que havia uma estátua de Apolo de cerca de quinze metros na biblioteca, algo imaginável dada a importância desse deus durante o reinado de Augusto (Dix; Houston, 2006).

A biblioteca conhecida como *Domus Tiberiana*¹⁴, também localizada no Palatino, estaria inserida em um complexo de casas e residências imperiais, incluindo aquela pertencente ao pai de Tibério. Apesar de sua posição, estrutura e formação serem incertas, a biblioteca é mencionada em um texto de Aulo Gélcio,¹⁵ como um local onde ele e seus amigos se encontravam em busca dos livros. “A chegada desses jovens aparentemente de

¹⁴ A palavra latina *domus* significa, casa, moradia (Faria, 2020, p. 325). Mantivemos o nome em latim, pois assim aparece nos autores referenciados Dix; Houston (2006), Bowie (2013), González Marín (2014).

¹⁵ Aulo Gélcio (em latim: Aulus Gellius; 123–165) foi um jurista, escritor e gramático latino romano.

fora do círculo imperial nos leva a inferir que outras pessoas também frequentavam a biblioteca” (Dix; Houston, 2006, p. 690-691).

Sobre a Biblioteca do Templo da Paz, construída em 75 a.C pelo imperador Vespasiano, em comemoração ao triunfo sobre os judeus quatro anos antes, segundo Dix e Houston (2006, p. 691-92), teria sofrido um incêndio no final do século II, e apesar de o templo ter sido reconstruído pelo Imperador Sétimo Severo, desconhece-se se houve ou não reparo na biblioteca.

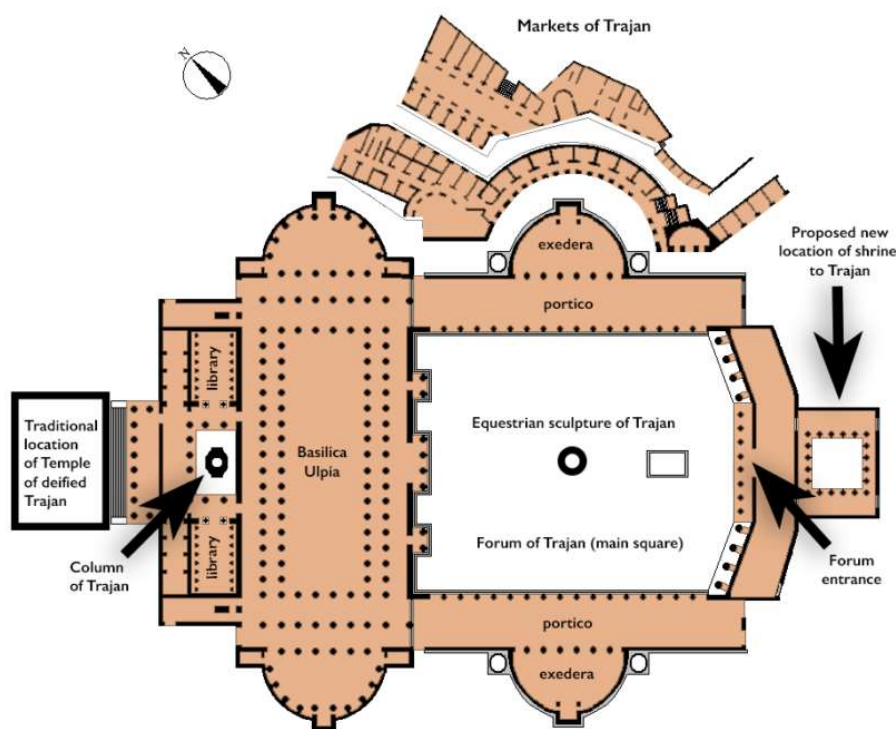
Sobre a Biblioteca do Panteão e a Biblioteca Capitolina, pouco se conhece. Mesmo que o Panteão seja um dos edifícios romanos mais bem preservados, não se sabe a localização da biblioteca nem o seu destino. Quanto à Biblioteca Capitolina, imagina-se ter existido por causa de uma menção, por Eusébio¹⁶, de um incêndio no Capitolino em 180 d.C, que consumiu uma biblioteca e edifícios próximos.

Por último, destacamos a Biblioteca de Trajano, por vezes chamada de Biblioteca Ulpiana, construída no início do século II, pelo imperador Trajano em seu complexo majestoso que reunia vários edifícios e monumentos, em comemoração à vitória sobre os dácios¹⁷. Segundo González Marín (2014, p. 213), Trajano colocou seu famoso monumento, Coluna de Trajano, entre as duas salas da biblioteca [a grega e a latina]. Podemos visualizar, no lado esquerdo, do mapa do Fórum de Trajano (Figura 1), cada uma delas, identificadas como *library*.

¹⁶ Eusébio de Cesareia (260/5 d.C - 339 d.C) foi um historiador da Igreja Primitiva e bispo de Cesareia. Seu relato sobre o incêndio na biblioteca estaria presente em uma de suas obras, como afirmam Dix e Houston (2006, p. 700).

¹⁷ Referência às Guerras Dácias, um conjunto de duas campanhas militares conduzidas pelo Imperador Trajano, entre 101-102 d.C.

Figura 1- Mapa do Fórum de Trajano.



Fonte: Smarthistory [201-?].

Considerando a escassez de material arqueológico sobre as bibliotecas públicas romanas, a Biblioteca de Trajano é muito utilizada como modelo para descrever as características físicas destas instituições, pois é a que possui mais vestígios. Ao descrever o salão da biblioteca, Dix e Houston (2006, p. 697, tradução nossa) carregam nos detalhes: “[...] era um cômodo espaçoso, de 20,10m de largura e 27,10m de comprimento. [...] No nível do solo, havia um nicho na parede entre cada par de colunas ao longo dos lados norte e sul”.

Outras características físicas das bibliotecas públicas, mencionadas em Dix e Houston (2006, p. 707-708) são: havia duas salas, uma para o acervo em grego e outra para latim; organização dos volumes em prateleiras/*armaria*; uso de gêneros literários gregos para classificar as obras; espaços ricamente decorados com estátuas e bustos de grandes personalidades. Quanto à localização na cidade, as bibliotecas públicas conhecidas estavam anexas em um complexo de prédios ou em um edifício, como templos (Biblioteca do Templo de Apolo, Biblioteca do Templo da Paz) e cartórios (Biblioteca do Átrio da Liberdade).

A questão dos cargos ocupados nas bibliotecas públicas em Roma parece ser nebulosa mesmo entre os historiadores, e por isso se especula sobre quais atividades cada

um ocupava. Segundo Rodríguez Valcárcel (2004, p. 237, tradução nossa), havia um cargo chamado “*a bibliothece*” (empregado/secretário de biblioteca), especializado em uma seção, grega ou latina. Além dele, havia o *vilicus* (administrador, caseiro), cargo relacionado com a manutenção do edifício.

Ainda há um terceiro cargo mencionado por autores da época, o *procurator bibliothecarum*. Quanto a isso, Bowie (2013, p. 248) comenta sobre a coordenação de bibliotecas sob um único gestor, exemplifica que nos tempos do Imperador Tibério havia quatro bibliotecas públicas e este nomeou Pompeius Macer para o cargo de *procurator bibliothecarum*, alguém que iria gerir todas as bibliotecas. No entanto, não há descrições precisas das tarefas que envolviam cada uma dessas funções mencionadas.

Resta-nos, por último, entender o papel que as bibliotecas públicas exerciam em Roma. Dix e Houston (2006) descrevem de forma geral e em sentido prático: elas serviam como depósito dos livros do imperador, espaço de estudos e leitura para estudantes e amigos, e locais de recitação e discussão. Acrescenta-se ainda seu valor simbólico, de distinção social, pois “permitiram o imperador reivindicar uma associação com a alta cultura e ajudaram a estabelecer Roma como um centro de cultura e valorosa sucessora dos gregos” (Dix; Houston, 2006, p. 710, tradução nossa).

González Marín (2014) destaca uma função das bibliotecas públicas que ela chamou de canonizadora. Sobre o assunto explica: a admissão de “obras e autores constitui na verdade a criação de um cânon baseado em distintos critérios de seleção e apoiado na decoração com retratos dos autores principais, que se consideram modelos para imitação” (Too, 2010, *apud* González Marín, 2014, p. 203-204, tradução nossa)”.

Era de interesse dos imperadores deixar como legado bibliotecas, sublinhando sua participação no cânon literário latino. Ainda que houvesse interesses políticos e ideológicos, essas ações fomentaram a produção de obras em latim. González Marín (2014) cita o caso de autores como Horácio e Ovídio¹⁸, cujas obras foram pensadas para formar o acervo dessas bibliotecas públicas. Essas considerações nos levam a pensar que talvez a literatura romana que conhecemos não chegaria até nós hoje se não fossem as bibliotecas públicas de Roma e os incentivos dos imperadores em adquirir obras para constituir os acervos dessas instituições com o intuito de que fossem lembrados e imitados pela geração seguinte.

¹⁸ Horácio e Ovídio poetas romanos. Viveram sob o governo de Augusto (entre 27 a.C. e 14 d.C).

A literatura menciona ainda a existência de bibliotecas nas termas romanas, também associadas às famílias imperiais. A subseção seguinte trata a respeito dessas bibliotecas.

3.1 As bibliotecas nas termas romanas

Para além das bibliotecas privadas e públicas mencionadas até aqui, alguns arqueólogos e historiadores sustentam a ideia de que havia bibliotecas nos banhos públicos, também chamados termas romanas (*thermae*). Esses profissionais se fundamentam em resquícios de cômodos de sítios arqueológicos que um dia foram termas romanas.

Dix e Houston (2006) nos contam que há na literatura duas menções a essas bibliotecas, uma na obra *História Augusta*¹⁹ em que se fala de uma transferência do acervo da Biblioteca de Trajano para a Biblioteca das Termas de Diocleciano. Já a outra, menciona um funcionário dessas bibliotecas, um escravo, que parece ter ocupado o cargo de "homem da manutenção da biblioteca grega dos banhos" (*vilicus thermarum bybliothecae Graecae*)” (Dix, 1994, p. 288, tradução nossa).

Por termas, entende-se grandes complexos mantidos por sistemas de aquedutos, presentes em Roma e em outras cidades do Império, e que possuíam diversos cômodos e atrações para descanso, lazer e higiene. Como esperado, as termas romanas eram estruturas caras de serem mantidas, mas poderiam trazer certo “capital político e simbólico” ao seu mantenedor. Mowdy (2016, não paginado) descreve as termas como edifícios financiados e mantidos por cidadãos pertencentes às classes abastadas, como imperadores, senadores, generais triunfantes ou políticos ricos, com o objetivo de conquistar o apoio da opinião pública. Enfim, podemos enxergar como prática de evergetismo²⁰ por parte desses cidadãos.

Na subseção anterior, mencionamos a existência de dois catálogos romanos que contavam 28 ou 29 bibliotecas públicas em Roma. Como algumas são completamente

¹⁹ A coletânea de biografias. “Abrange o período desde a ascensão de Adriano em 117 até a morte de Numeriano e Carino em 284-285. Há uma biografia “dos imperadores principais (Augusti), mas também dos co-regentes e herdeiros presuntivos (Caesares) e os usurpadores (Tyranni). O texto foi preservado num códice do século IX, o Codex Palatinus Latinus 899, do qual derivam dezessete outras cópias [...]” (Corassin, 1988, p. 153).

²⁰ Refere-se às liberalidades (doações, construção de edifícios públicos, banquetes, jogos) feitas voluntariamente pelas elites e governantes à população romana. Sobre o assunto ver: VEYNE. Paul. “*Pão e Circo*”: sociologia histórica de um pluralismo político. São Paulo: Unesp, 2015.

desconhecidas, muito se especula sobre a forma de contagem, inclusive a possibilidade de os antigos terem considerado as salas de latim e grego (*Library*, Figura 1) como duas bibliotecas em vez de uma (Dix; Houston, 2006, p. 707). É também um dos motivos pelo qual se sustenta que algumas das bibliotecas estivessem nessas termas, especificamente nas termas de Diocleciano, de Caracala e de Trajano, mencionadas por Dix e Houston (2006).

Dix e Houston (2006) explicam o que seriam as estruturas identificadas pelos especialistas como bibliotecas dentro de cada uma dessas três termas. A Biblioteca das Termas de Diocleciano foi mencionada na obra *História Augusta* e teria sido formada pela transferência do acervo da Biblioteca de Trajano, mas segundo os autores citados, nenhum cômodo encontrado nessas termas poderia ter alocado uma biblioteca, bem como sustentam que não há evidências de transferência do acervo. Já a Biblioteca nas Termas de Caracala seria um largo salão de 38.70 por 22.10 m, que incluiria “[...] nichos nas paredes para estantes de livros, um largo nicho no eixo central para uma estátua, um pódio baixo ou um conjunto de degraus ao redor da sala abaixo dos nichos e um ao lado, abrindo para um pórtico” (Dix; Houston, 2006, p. 704). Sobre a última, a Biblioteca das Termas de Trajano, são citados dois cômodos semicirculares nos cantos Oeste e Sul (Dix; Houston, 2006). Vemos aqui a repetição do padrão de biblioteca formada por duas salas em vez de uma, à semelhança da própria Biblioteca no Fórum de Trajano (Figura 1).

É importante mencionar que Dix e Houston (2006) apresentam certa cautela em afirmar se havia de fato bibliotecas nesses cômodos, especificamente nas Termas de Caracala e de Trajano. Assim sendo, de acordo com os autores, esses cômodos identificados como bibliotecas nas termas poderiam ter outro uso, como sala de ginástica, reunião ou discussão. Além disso, um outro possível uso para esses cômodos seria o de recitação. Esse era um dos papéis das bibliotecas públicas: ainda que não guardassem livros, um poeta poderia recitar sua obra no local, sendo esse ato considerado uma forma de “publicar” sua obra.

Infelizmente, como os restos materiais são escassos e não há tantos relatos disponíveis sobre as bibliotecas nas termas romanas, restam-nos apenas especulações. Que tipo de acervo guardavam? Qual era o conteúdo do acervo? Não parece verossímil a população em geral ter acesso para o manuseio das obras, já que poucos eram alfabetizados, mas talvez pudessem frequentar as recitações? E, especialmente, como preservavam a integridade das obras em papiro em um ambiente úmido como as termas? Questões que ainda não temos respostas, pois temos poucos vestígios e comentários sobre

essas bibliotecas. Contudo, não podemos deixar de mencioná-las. Na literatura consta que esses espaços eram frequentados por oradores e poetas para recitar suas obras ou declamar discursos (Tourinho, 2023).

4 Considerações finais

“Contar a história das bibliotecas da Antiguidade requer, além do trabalho de pesquisa, muita imaginação, já que nenhuma delas nos chegou em funcionamento” (Medeiros, 2019, p. 70). A falta de achados arqueológicos sobre as bibliotecas de Roma Antiga, levou os historiadores a buscarem as evidências nos textos deixados pelos filósofos e poetas, além da consulta aos catálogos regionários. Foi por meio destas fontes, que buscamos conhecer como as bibliotecas foram criadas, como formaram seus acervos e como os organizavam, quem as frequentavam e quem eram seus proprietários ou patrocinadores.

Apresentamos dois tipos de bibliotecas, a privada e a pública. A primeira se tornou tendência durante o século II, ainda na República, e prosseguiu durante o período imperial. Como vimos, entre as formas de aquisição dos acervos, prevaleciam a pilhagem e as compras, mas cópias e heranças também faziam parte do processo.

A biblioteca pública surge por disputas pela herança política de Júlio César, entre Asínio Polião e Augusto, e ambos erigiram bibliotecas que reuniram acervos bilíngues, grego e latim. Alguns imperadores seguintes ambicionaram a fama de patrono das letras e instituíram suas próprias bibliotecas públicas, como Trajano e Vespasiano.

As bibliotecas privadas eram anexas às casas dos nobres, em Roma ou nas *villae* em províncias; as públicas, anexas aos templos ou ao complexo de edifícios públicos em Roma. Não há menção na literatura levantada de um espaço específico, selecionado apenas para abrigá-las. Quanto ao público, predominava como frequentadores os cidadãos romanos pertencentes às classes sociais mais abastadas como aristocratas, políticos, comerciantes e generais triunfantes, além de homens cultos, acadêmicos, filósofos etc.

Os poucos ou mesmo a ausência de restos materiais das bibliotecas romanas compromete uma descrição mais aprofundada da organização do acervo. Mas sabemos que o principal mobiliário para a guarda dos volumes eram os “*armaria*”, estantes de madeira fixadas em nichos nas paredes, e que um recurso para facilitar a identificação das obras era o uso de etiquetas, onde constavam os respectivos títulos. No caso das

bibliotecas públicas, podemos destacar como procedimento organizativo a existência de dois salões diferentes para abrigar as duas coleções em grego e latim.

Por fim, não podemos deixar de mencionar a importância do uso de estátuas na composição dos espaços das bibliotecas e seu entorno. Elas estavam presentes no peristilo, no pátio com colunatas e dentro das salas onde ficava o acervo. As estátuas faziam parte do processo de organização do local, dando visibilidade aos autores e aos seus patronos, imperadores ou deuses, contribuindo para imortalizar a imagem do homenageado.

Conforme podemos observar, as bibliotecas em Roma Antiga tiveram função política (expressão do poder do Estado) e intelectual ao proporcionar obras para estudo e pesquisa para o proprietário, seus próximos, sábios e estudantes. Além de proporcionar o lazer e o descanso da vida política e dos problemas do cotidiano, permitindo ao nobre romano vivenciar o *otium*. Elas representavam ainda distinção social e prestígio para seus proprietários e idealizadores. As bibliotecas públicas, mais complexas, herdaram essas funções, mas o seu papel estava atrelado ao projeto político e ideológico de seu mantenedor, como impulsionar a literatura latina, consolidar cânones literários e selecionar obras e autores para servir de modelos para a posteridade.

Referências

BARBIER, Frédéric. *História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BOWIE, Ewen. Libraries for the Caesars. In: KÖNIG, Jason; OIKONOMOPOULOU, Katerina; WOOLF, Greg (eds.). *Ancient Libraries*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 237–260.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P Machado (org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília, Thesaurus, 2007, p. 17-37.

CORASSIN, María Luiza. A composição da biografia de Severo Alexandre na História Augusta. *Revista de História*, São Paulo, n. 119, p. 154–178, 1988.

DIX, Thomas Keith; HOUSTON, George W. Public libraries in the city of Rome: from the Augustan age to the time of Diocletian. *Mélanges de l'École française de Rome - Antiquité*, t. 118, n. 2, p. 671-717, 2006.

DIX, Thomas Keith. The Library of Lucullus. *New Press Edizioni*, Pavia, v. 88, n. 2, p. 441-464, 2000.

FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2020.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ MARÍN, Suzana. Las primeras bibliotecas públicas en Roma y su impacto en la concepción de la literatura latina. *Revista de Estudios Clásicos*, n. 41, p. 205-223, 2014.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 2009.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008, p. 45-73.

MEDEIROS, Ana Lúcia. As bibliotecas na antiguidade. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 69-85, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/90>
Acesso em: dez. 2025.

MOWDY, Haley. The History and Importance of the Roman Bath. *A Student History Journal*, v. 9, 2016. Disponível em: <https://twu.edu/history/ibid/previous-ibidissues/ibid-a-student-history-journal-volume-9-spring-2016/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

OGDEN, Sherelyn. *Emergências com pragas em arquivos e bibliotecas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

PISÃO, Caio Calpúrnio. *Wikipédia: a enciclopédia livre*. 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Calpúrnio_Pisão. Acesso em: 13 nov. 2025.

RODRIGUEZ VALCARCEL, José Antonio. Procurator Bibliothecae Augusti los bibliotecarios del emperador en los inicios de las bibliotecas públicas en Roma. *Anales de documentación*, Murcia, n.º 7, p. 231-239, 2004.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. *RBDD*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012.

SIDER, Sandra. Herculaneum's Library in 79 A.D.: The Villa of the Papyri. *Libraries & Culture*, v. 25, n. 4, p. 534-542, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25542290> Acesso em: 14 fev. 2025.

SMARTHISTORY. Plan of the Forum of Trajan. *In*: Becker, Jeffrey A. *The Forum of Trajan*. Smarthistory. 2015. Disponível em: <https://smarthistory.org/forum-and-markets-of-trajan/>
Acesso em: 09 dez. 2025.

VIOTTO, Ricardo Antonio. História da educação: da Antiguidade aos nossos dias. *Nuances*: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 357–363, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4389>
Acesso em: 13 nov. 2025.

WOOLF, Greg. Introduction: approaching the ancient library. *In*: KÖNIG, Jason; OIKONOMOPOULOU, Katerina; WOOLF, Greg (eds). *Ancient libraries*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 1-20.

ZÉTOLA, Bruno Miranda. Da antiguidade ao medievo: o cristianismo e a elaboração de um novo modelo caritativo. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 7, n. 1, p. 131-154, 2005.

TOURINHO, Helena. A história das termas romanas. *In*: *ArchDaily: água e arquitetura [site]*. Publicado em: 1 de jul. de 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1002239/a-historia-das-termas-romanas#> Acesso em: jan. nov. 2026.

Contribuição dos Autores

- **Conceituação:** Samuel Wagner da Silva Crespo, Elisabete Gonçalves de Souza.
- **Metodologia:** Elisabete Gonçalves de Souza.
- **Redação – Rascunho original:** Samuel Wagner da Silva Crespo, Elisabete Gonçalves de Souza.
- **Redação – Revisão e edição:** Samuel Wagner da Silva Crespo, Elisabete Gonçalves de Souza.

- **Visualização:** Samuel Wagner da Silva Crespo.

Conflito de Interesse

Não houve conflito de interesse.

Avaliação por pares

Avaliação duplo-cega, fechada.

Recebido em: 28/04/2026
Aprovado em: 11/06/2026
Publicado em: 12/06/2026